

A Comunicação e as Diferenças Culturais Percebidas: lentes para compreender os encontros entre Jesus, a mulher samaritana e os brasileiros¹

Marcelo Eduardo da Costa DIAS²

RESUMO

Os estudos de comunicação intercultural contemporâneos se desenvolveram como resultado de uma maior interação com a diversidade internacional após a Segunda Guerra Mundial. No princípio do século 21 essa interação tornou-se exponencialmente maior devido ao fenômeno da globalização. A experiência da comunicação intercultural (entre macro ou microculturas), no entanto, sempre existiu. Um exemplo clássico, dos tempos bíblicos, pode ser encontrado em João 4, no encontro entre Jesus e a mulher samaritana.

O propósito deste estudo é conduzir uma leitura do texto bíblico através das lentes dos estudos de comunicação intercultural. A primeira parte revisa o modelo de Carley H. Dodd, enquanto a segunda identifica esses conceitos no relato joanino do encontro de Jesus com a mulher samaritana. A seção final discutirá brevemente a relevância de seguir o exemplo de Jesus e os princípios dos estudos de comunicação intercultural no contexto brasileiro atual.

PALAVRAS-CHAVE: religião; comunicação; intercultural; missiologia; missão.

INTRODUÇÃO

Duas máximas podem resumir a realidade da comunicação intercultural no mundo atual: (1) cultura e comunicação são inseparáveis; e (2) a interação das pessoas com algum grupo contrastante é inescapável (Dodd, 1998, p. 25). Os sistemas de comunicação são parte inerente de cada cultura, ao mesmo tempo que a comunicação ocorre tanto intra quanto entre os contextos culturais.

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016.

² Doutor (PhD) em Religião pela Universidade Andrews, Michigan, EUA; coordenador da pós-graduação em missiologia; coordenador do Núcleo de Missão e Crescimento de Igreja (Numci); professor da Faculdade de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC); marcelo.dias@ucb.org.br.

Os estudos de comunicação intercultural contemporâneos se desenvolveram como resultado da crescente interação com a diversidade internacional, após a 2ª Guerra Mundial. E, no início do século 21, a globalização veio ampliar exponencialmente, tanto essa interação quanto a necessidade de entendê-la melhor. Entretanto, a experiência de comunicação intercultural (seja entre macros ou microculturas) sempre existiu. Um exemplo clássico, dos tempos bíblicos, está no capítulo 4 do evangelho de João: o encontro de Jesus com a mulher samaritana.

Atualmente, como alguns cristãos desejam conseguir maior eficiência na obediência à chamada “Grande Comissão” – partilhar o evangelho com cada nação, tribo, povo e língua – os estudos de comunicação intercultural têm se tornado ainda mais relevantes.

O propósito deste estudo é realizar uma leitura do texto bíblico através das lentes dos estudos de comunicação intercultural. A primeira parte deste artigo é dedicada a uma revisão do modelo de comunicação intercultural de Carley H. Dodd, a segunda parte identifica esses conceitos no relato joanino do encontro de Jesus com a mulher de Samaria, e a parte final discute brevemente a importância de seguir o exemplo de Cristo e os princípios de comunicação intercultural no contexto atual.

1. Comunicação Intercultural de Acordo com o Modelo de Dodd

Dodd afirma que a comunicação intercultural é peculiar pelo fato de que “a influência da variabilidade cultural e da diversidade nas relações interpessoais é determinante nos resultados da comunicação (1998, p. 4). Sempre que há comunicação ocorre a troca de mensagens e o estabelecimento de significados. Mensagens são transmitidas de uma pessoa para outra, mas não os significados (Gudykunst, 1998, p. 9). No seu livro *Dynamics of Intercultural Communication*, Dodd desenvolveu um anagrama para ilustrar o modelo de comunicação intercultural (1998, p. 7).

Em função das diferenças pessoais, a maior parte das iniciativas de comunicação geram algum tipo de contraste no início do processo, o que é conhecido como diferenças culturais percebidas, expressão essa que indica a “diversidade nas características ilustradas pelas diferenças de cosmovisão, valores, formas de pensar,

costumes, aparências, expectativas, estilo de comunicação, jeito de falar e comunicação não-verbal” (Dodd, 1998, p. 5). Dodd destaca que a cultura não é o único fator que contribui para essa percepção. Ele chama a atenção para outras duas causas dessas diferenças percebidas. Uma segunda causa está relacionada com as diferenças de personalidade, as quais não podem ser completamente desconectadas da cultura. E a terceira causa tem a ver com a atração para relacionamento, ou seja, a avaliação de uma pessoa a outra e as consequentes atribuições pessoais e sociais.

As diferenças culturais percebidas tendem a levar pessoas a uma resposta caracterizada por incerteza ou ansiedade, ou uma combinação delas (Gudykunst & Mody, 2002, p. 40). Incerteza está relacionada à uma crença ou opinião que deixa a pessoa com um vazio para ser preenchido frequentemente com informação, enquanto que ansiedade é uma resposta emocional baseada no medo (Dodd, 1998; Gudykunst, 1998).

Para lidar com diferenças culturais percebidas, para diminuir os níveis de incerteza e ansiedade, e para tornar a comunicação mais eficaz, comunicadores, consciente ou inconscientemente, aplicam uma estratégia (funcional ou disfuncional) para acomodar as diferenças e reações comuns. Por um lado, estratégias disfuncionais são aquelas que maximizam o potencial de conflito e incompreensão, e frequentemente baseiam-se em estereótipos, abstenção, negação e hostilidade. Por outro lado, estratégias funcionais se detêm no conhecimento intercultural e na sensibilidade às regras, funções, costumes, crenças, estilos sociais, afirmação e adaptabilidade.

Em *Dynamics of Intercultural Communication*, Dodd desenvolve um modelo para uma estratégia funcional. Ele sugere criar uma terceira cultura adaptiva (Cultura C) entre as pessoas envolvidas na comunicação para enfatizar as similaridades e ter uma arena para operar mantendo sua identidade enquanto lida com a reação às diferenças culturais percebidas. Ele menciona três princípios importantes para o desenvolvimento dessa estratégia funcional. Primeiro, um sentimento positivo em relação à outra pessoa deve ser desenvolvido. Segundo, as crenças pessoais sobre o outro devem ser reconhecidas. Terceiro, ações e habilidades devem ser desenvolvidas em relação ao desenvolvimento de uma experiência positiva de comunicação intercultural.

Este modelo de comunicação intercultural utiliza o conceito de resultados desejados associado à comunicação intercultural eficaz como seu objetivo. Eficácia pode significar relacionamentos desenvolvidos, gerenciamento eficiente, amizade, treinamento, disseminação de tecnologia e redução de conflitos (Dodd, 1998, 26). Dodd identifica três aspectos principais da eficácia intercultural: eficácia na tarefa, no relacionamento e na adaptação (1998, p. 11). Esses aspectos estão relacionados com a performance no trabalho, o contato interpessoal e o ajuste cultural, respectivamente.

Assim, Dodd foi capaz de sistematizar através de um modelo simples e realista o processo de comunicação intercultural. Seu estudo ajuda a visualizar os desafios potenciais dos comunicadores, a necessidade de uma estratégia funcional para lidar com essas diferenças e os resultados de tais decisões.

2. Comunicação Intercultural em João 4:4-26

A interação começa quando a mulher samaritana vai retirar água de um poço e Jesus lhe pede: “Dê-me um pouco de água” (v. 7).³ A mulher responde: “Como o senhor, sendo judeu, pede a mim, uma samaritana, água para beber?” A Bíblia tem uma explicação parentética da situação que diz que “os judeus não se dão bem com os samaritanos” (v. 9). O diálogo continua com Jesus oferecendo água viva que leva à vida eterna e a mulher samaritana pedindo essa água para que não tivesse mais sede (v. 15). A conversa muda e Jesus menciona seus cinco maridos e o seu atual esposo ilegítimo. A mulher samaritana reconhece Jesus como profeta. Ele, em retorno, começa a falar sobre um tempo iminente. Ela demonstra sua crença em um messias que viria e Jesus Se identifica como o tal.

Essa é uma clara experiência de comunicação intercultural. As diferenças culturais influenciaram os resultados da comunicação entre Jesus e a mulher. Apesar da diversidade formar o pano de fundo de toda a comunicação, ela é facilmente identificável no começo e no meio do diálogo. Primeiramente, a mulher questiona a

³ Todas as referências bíblicas são da Nova Versão Internacional.

atitude de Jesus baseada na sua origem (v. 9). Posteriormente, eles discutem sobre diferenças em relação ao local de adoração devido às suas tradições (v. 20).

A noção de diferenças culturais percebidas assume que essas diferenças intervêm na comunicação (Dodd, 1998, 20). A mulher samaritana é surpreendida pela presença de Jesus por causa das suas diferenças culturais e ela não hesita em expressar sua percepção. João enfatiza esse fato com uma observação parentética no texto (v. 9).

Cultura parece ser a razão principal para a ansiedade no encontro entre Jesus e a mulher samaritana, no primeiro momento. É o fato de que ele é judeu e ela samaritana que a faz desconfortável. Num segundo momento, a causa da ansiedade se torna a personalidade. E finalmente, seus diferentes relacionamentos.

Nessa história é possível identificar três razões gerais relacionadas com a influência da cultura na comunicação: (1) a cultura ensina valores, rituais e procedimentos significativos; (2) a cultura reforça valores sobre o que é bom e verdadeiro, e as compreensões centrais sobre o mundo; e (3) a cultura ensina a se relacionar com outros ao moldar as dinâmicas das funções e expectativas (Dodd, 1998, p. 36).

Primeiro, é importante considerar os elementos centrais da cultura samaritana, tais como sua história, identidade e crenças culturais, e sua relação com os judeus. Não é clara a origem precisa da seita samaritana e o tempo do seu surgimento. “O conceito do antigo testamento sobre a origem da seita samaritana é que eles surgiram a partir de povos estrangeiros miscigenados com judeus do reino do norte cuja adoração a Deus era somente um verniz para a idolatria existente” (Elwell & Beitzel, 1988, p. 1886). Os samaritanos eram um grupo que residia ao norte da Judeia e ao sul da Galileia em tensão hostil com seus vizinhos judeus, apesar de terem tanto em comum. Sendo um grupo monoteísta, similar aos judeus na teologia, a hostilidade mútua se desenvolveu baseada nas diferenças relacionadas com o lugar de adoração e o templo erigido no Monte Gerizim. Essa busca pela supremacia do Monte Gerizim não somente separava os samaritanos dos judeus teologicamente, mas também culturalmente. O casamento entre os grupos era proibido e as interações sociais eram grandemente restritas (Elwell & Beitzel, 1988, p. 1886-1888).

Segundo, algumas observações ajudam a entender as funções sociais de Jesus e da samaritana, especialmente relacionadas ao gênero. De um lado, a mulher samaritana vai ao poço sozinha. Mulheres costumavam buscar água em grupos e normalmente cedo pela manhã ou à tarde, mas não no meio do dia (v. 6). Ainda, parece pouco usual que uma mulher de Sicar fosse ao poço de Jacó, que não era o mais próximo da sua localidade. Ambas as observações sugerem que essa mulher era menosprezada na sua comunidade por causa de sua baixa reputação (Köstenberger, 2004, p. 148). Essa conclusão se mostra verdadeira quando Jesus revela sua situação marital nos versos 17 e 18. Jesus, por outro lado, ao estar sozinho (v. 8), não seguiu as regras do comportamento judeu esperado. Homens normalmente não falavam com mulheres em público. Mulheres samaritanas, como as gentias, eram consideradas em contínuo estado de impureza ritual. Além dos preconceitos étnicos, homens não tomavam a iniciativa de discutir crenças religiosas com mulheres (Köstenberger 2004, 148-149).

O processo de categorização social começa com a mulher samaritana definindo Jesus como não pertencente ao seu grupo social. Essa classificação tem consequências para a comunicação e gera o próximo passo: verificar se a pessoa não pertencente ao seu grupo é típica ou não típica do seu estereótipo. Ela descobre que Jesus não é típico do estereótipo de um judeu que não se associaria com ela. A mulher dá mais um passo e testa as similaridades entre eles. Nesse ponto, a mulher se torna capaz de relacionar com Jesus baseada no terreno comum estabelecido.

Finalmente, o último passo, é uma avaliação mental sobre o que é esperado dela em termos de identidade pessoal e social. Quatro estágios caracterizam o processo perceptivo de uma comunicação intercultural: (1) atribuição, (2) informação incompleta, (3) coerência de impressão e (4) obediência a normas culturais. Durante o primeiro estágio, a mulher infere as intenções de Jesus e atribui motivação negativa. O segundo estágio é determinado pela falta de informações sobre Jesus, algo que é resolvido mais tarde na conversa. Esses dados inadequados são a razão da sua generalização apressada e limitada. Como Jandt aponta, estereótipos e preconceitos são um “obstáculo pernicioso para a comunicação intercultural” (2004, p. 93). Esses julgamentos feitos sobre pessoas, baseados no seu pertencimento ou não a grupos, são enganosos e,

frequentemente, negativos. Em seguida, a mulher tenta resumir Jesus de acordo com suas primeiras impressões. Padrões de coerência são desejáveis à essa altura, na maioria dos casos, mas eles não aparecem nessa história. O estágio final também deveria reforçar a compreensão *default*, mas as normas culturais esperadas não foram completamente seguidas por Jesus.

Naquela experiência, ocorre uma interação entre as identidades sociais e pessoais de Jesus e da samaritana. A mulher se apoia na visão de si mesma compartilhada pelos outros membros do seu grupo, os samaritanos. Mas ela é desafiada pelas ideias que a diferenciam dos outros componentes, as quais eram majoritariamente negativas nesse caso. A mulher se refere continuamente à sua tradição. Incredulidade é revelada na pergunta que ela faz: “Acaso o senhor é maior do que o nosso pai Jacó?” A afirmação dela de que Jacó “deu o poço, do qual ele mesmo bebeu” é puramente tradicional. Os problemas dela transcendiam sua vida pessoal e se estendiam significativamente para o modo ilegítimo de adoração (Köstenberger, 2004, p. 151, 153).

Identidades pessoais e sociais influenciam os comportamentos de comunicação (Gudykunst, 1998, p. 14). Nesse caso, sua identidade social teve uma influência maior no comportamento deles, no princípio. A mulher samaritana interpretou o comportamento de Jesus baseada no grupo ao qual ele pertencia. Jesus não negou sua herança judaica (identidade social), mas apresentou a sua singularidade como o Messias (identidade pessoal). Aquilo ajudou a mulher a reconhecer as similaridades compartilhadas e evitar as potenciais incompreensões.

Jesus estava buscando uma comunicação intercultural eficaz, na qual a verdade sobre o Messias e, conseqüentemente, sobre a salvação fosse compartilhada. “A comunicação intercultural depende da redução dos níveis de incerteza sobre as pessoas” (Dodd, 1998, p. 23). Assim, anacronicamente, pode-se dizer que, seguindo compreensões básicas do campo da comunicação, Jesus demonstrou que a previsibilidade é um aspecto importante dos relacionamentos. Muito daquela conversa está relacionado com as revelações sobre a mulher e sobre Jesus. Ele foi intencional na redução da ansiedade ao concentrar o diálogo na diversidade, ambiguidades e incertezas

do encontro e conduzir a comunicação ao conforto. Curiosamente, Jesus parece reduzir os níveis de ansiedade no início, o que ajuda a promover o diálogo (sete declarações de Jesus – v. 7, 10, 13, 16, 17, 21 e 26 – e seis respostas da mulher – v. 9, 11, 15, 17, 19 e 25), mas mantém um certo nível de incerteza (ou curiosidade) até o fim da conversa.

De modo geral, o começo da história, como descrito no verso 4, para alguns comentaristas, demonstra a intencionalidade de Jesus em encontrar-se com aquela mulher. O processo de redução de incertezas na comunicação intercultural durante o encontro pessoal, portanto, pode ser descrito em três passos: pré-contato, contato e impressão e desfecho.

O estágio do pré-contato envolve a formação da impressão. Nesse passo inicial, a pessoa percebe a outra e começa uma “escanerização específica” – interpretação da aparência e maneirismos (Dodd, 1998, p. 24). A Bíblia não dá informações sobre essa fase. Na verdade, a descrição parece sugerir que Jesus usou o pré-contato para despertar a curiosidade da mulher. Jesus não seguiu os costumes e pediu que ela lhe desse água, o que causou uma reação por parte dela (v. 7).

O segundo estágio envolve os primeiros minutos da conversa, quando uma decisão é tomada para continuar ou descontinuar o relacionamento. Após a segunda declaração de Jesus (v. 10), ela claramente aceita o diálogo ao pedir “água viva” (v. 11). O fato de que ela permanece ali no poço e continua conversando com Jesus é uma demonstração de que havia feito uma decisão positiva. “A reverência de Jesus pela dignidade da mulher ao não julgar sua pecaminosidade e a mulher, em troca, conceder permissão para que ele tivesse esse contato pessoal indicam respeito mútuo” (Grenham, 2005, p. 97).

O terceiro estágio envolve um julgamento final sobre o relacionamento intercultural. “O desfecho é a atitude duradoura baseada no estágio de contato” (Dodd, 1998, p. 24). A reação da mulher após a última revelação de Jesus, no verso 26, ao se identificar como o Messias demonstra o relacionamento estabelecido na comunicação intercultural.

Fatores normalmente vistos como negativos – identidade insegura, falta de identificação social e pessoal robustas – são convertidos em aspectos positivos nesse

contexto. Jesus vê uma oportunidade de desafiar a história e o status social atual da mulher samaritana. Ele reconhece duas pressuposições das diferenças culturais percebidas. Reconhece as diferenças culturais entre eles: as barreiras culturais. Mas também reconhece a humanidade comum de todos os seres, incluindo necessidades e esperanças (Dodd, 1998, p. 35).

De acordo com o modelo de Dodd, é possível identificar um caso de cultura adaptada em João 4. Provavelmente não no sentido tradicional daquilo que acontece entre duas pessoas, mas em um sentido especial já que se trata de Jesus e um ser humano. Jesus conduz a conversa para o campo comum caracterizado pela satisfação das necessidades de ambos. Em volta de um poço em comum, Jesus e a mulher samaritana estabelecem um relacionamento que superou as expectativas convencionais da religião e da cultura (Recinos, 2006, p. 106). “A mulher pode dignificar Jesus ao oferecer água para a sua sede. A mulher foi dignificada pela presença respeitosa de Jesus” (Grenham, 2005, p. 965). Ambos se distanciaram das suas tradições, como judeu e samaritana, para focalizarem na esperança messiânica e na futura realidade salvífica (v. 21-26). “A busca pela vida é universal e é compreendida de maneira profunda através do símbolo da água. Em todas as culturas a água é essencial e esse elemento se tornar a contingência para o diálogo intercultural entre Jesus e a mulher samaritana” (Grenham, 2005, p. 93). Adoração a Deus em espírito e verdade (v. 23) também se torna um campo comum no conflito cultural que tinham essa discussão como uma das principais divergências.

Há pelo menos três princípios importantes para o desenvolvimento de culturas adaptadas. Primeiro, é necessário haver um sentimento positivo (nível afetivo) para com o outro, tal como confiança, conforto, segurança, afirmação etc. Durante a conversa com Jesus, esses sentimentos foram desenvolvidos pela mulher samaritana como indicado no verso 15 (“Senhor, dê-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise voltar aqui para tirar água”), no verso 18 (“O que você acabou de dizer é verdade”) e no verso 19 (“Senhor, vejo que é profeta”).

Segundo, o ambiente da terceira cultura precisa reconhecer as crenças (nível cognitivo). Jesus lida com as crenças dela sobre o lugar apropriado para adorar nos

versos 21 a 24. Ele começa dizendo “Creia em mim, mulher” (v. 21) e depois comenta “Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus” (v. 22). A mulher samaritana expressa sua compreensão correta na última parte do verso 25 (“Eu sei que o Messias está para vir. Quando ele vier, explicará tudo para nós”). E como Dodd apresenta, “sem compreensão correta uma pessoa é menos provável de se comunicar bem com outra que é diferente” (1998, p. 11).

O princípio final está relacionado com ações de comunicação intercultural (nível comportamental). Nesse nível, Jesus desafia a mulher em três pontos diferentes. Primeiro, viver a cultura adaptada significa ter o hábito de beber a “água da vida” (v. 10). Segundo, a nova cultura exige um arranjo marital diferente (v. 17, 18). Terceiro, essas mudanças incluem um novo padrão de adoração (v. 24).

A eficácia do resultado nesse caso parece depender de alguns dos seguintes fatores: (1) a arrogância não está presente, da parte de ambos; (2) a ansiedade fica em níveis mínimos, após o pré-contato; (3) não falta motivação para buscar a comunicação e desenvolver um relacionamento.

Até certo ponto, é possível identificar os três elementos na experiência de Jesus. Ajuste na tarefa, no relacionamento e na cultura formam parte da eficácia da comunicação. Se alguém considerar que a tarefa de Jesus era obter água do poço, a conclusão poderá ser ineficácia. Mas se a tarefa primária de Jesus for compreendida como a evangelização da mulher samaritana, a conclusão será o oposto. O estabelecimento e melhoramento da qualidade do relacionamento deles fica evidente. A compreensão da mulher samaritana sobre Jesus aumenta até o entendimento final da sua identidade como o Messias. O ajuste cultural também é evidente na sua adaptação às normas cristãs.

3. Comunicação Intercultural com “Samaritanos” Contemporâneos

Na seção anterior, houve uma aplicação anacrônica do modelo de comunicação intercultural de Dodd em relação ao encontro de Jesus com a mulher samaritana. Uma pergunta relevante seria sobre as perspectivas de aplicação continuada do mesmo

modelo para o futuro. As delimitações deste artigo não permitem um estudo completo, mas algumas considerações podem ser úteis em estabelecer essa discussão.

Okure aponta que “um aspecto essencial do empreendimento missionário é a interação entre o enviado e seu público, especialmente uma vez que o único propósito dessa atividade é evocar do público uma resposta de fé ao agente divino e sua mensagem” (1988, p. 185). E isso não mudou desde os tempos de Jesus. A habilidade de comunicar com “samaritanos”, no entanto, não parece ser uma habilidade natural da maioria das pessoas. Os preconceitos entre judeus e samaritanos nos tempos de Jesus e a reação dos seus discípulos (v. 27) parecem caracterizar a atitude comum das pessoas.

Numa época de mudança nos postulados filosóficos, quando a pós-modernidade está moldando as vidas da nova geração, compreender a comunicação intercultural parece ser ainda mais relevante. A cosmovisão pós-moderna, entre outros aspectos, é caracterizada por um sentido crescente da humanidade comum na qual todas as respostas devem passar pelo contexto e pelos relacionamentos. A verdade, portanto, torna-se mais do que simplesmente um conteúdo, mas também um relacionamento e um contexto (Jeramy, 2002). Hoje, a conscientização sobre as diferentes cosmovisões e as necessidades de comunicação intercultural deveriam motivar as pessoas a considerar seriamente as importantes contribuições dos estudos sobre o tema e a atitude de Jesus no preparo para a interação com os “samaritanos” de hoje.

Estudos sobre comunicação intercultural oferecem contribuições importantes hoje para aqueles que buscam compartilhar o evangelho ao redor do mundo. Apesar de a abordagem tradicional cristã ocidental sobre a evangelização enfatizar o compartilhamento de conteúdos, a prática tem demonstrado que o processo envolve mais do que isso. Esses estudos recentes também assumem que a comunicação envolve além da dimensão do conteúdo, a dimensão do relacionamento. Junto ao poço, Jesus e a mulher samaritana compartilharam conteúdo, mas também, na essência da conversa, havia a intenção de Jesus estabelecer com a mulher um relacionamento Salvador-pecadora. “O relacionamento específico da mulher com Jesus é a ligação para alcançar outros na proclamação da verdade sobre Jesus como o Cristo. Jesus e a mulher são os evangelizadores primários nesse paradigma de evangelização” (Grenham, 2005, p. 101).

O que Jesus compartilha assume uma forma diferente por causa de quem Ele declara ser. “Em última instância, o significado resulta do que é dito e de quem diz” (Dodd, 1998, p. 21). A comunicação intercultural tem sido capaz de examinar cuidadosamente os diferentes passos desse processo e sugerir meios de aprimorar o resultado desses diálogos.

O modelo de Jesus para a comunicação intercultural deve ser entendido como relevante e, por que não, autoritativo. “A conversa de Jesus com a mulher samaritana constitui um paradigma para o compartilhar do evangelho de Jesus Cristo com aqueles que não conhecem a verdadeira identidade de Jesus. Também demonstra como Jesus está pronto para Se revelar àqueles que estão abertos à Sua revelação, incluindo os não-judeus” (Köstenberger, 2004, p. 158).

Três características da atitude de Jesus se destacam no relato bíblico. Primeiro, Jesus ousa quebrar as leis culturais. Sua atitude para com os samaritanos é totalmente diferente daquela dos judeus. Jesus toma a iniciativa de se aproximar da mulher samaritana, em vez de esperar que ela venha até ele. Jesus demonstrou conhecimento sobre sua cultura ao interagir com ela. Quando seus discípulos demonstraram a costumeira animosidade judaica pedindo que o “fogo do juízo” caísse sobre os indesejados samaritanos, Jesus “os repreendeu” (Lc 9:55). Ele não se recusou a curar o leproso samaritano (17:11-19) e ele também contou a parábola do bom samaritano (10:30-37). “Uma reverberação significativa do encontro de Jesus com a mulher para a evangelização intercultural contemporânea é a dissolução sutil das sanções desumanizadoras, tanto culturais como religiosas” (Grenham, 2005, p. 100).

Segundo, Jesus não nega a sua identidade. Ao recusar a se comportar e agir segundo as normas culturais judaicas que não estavam de acordo com os Seus princípios, ele assumiu sua identidade e herança como judeu. Como Köstenberger (2004) aponta, Jesus mantém que “o povo judeu é o instrumento pelo qual a redenção de Deus é mediada a outros” (p. 155-156).

Terceiro, Jesus identifica-se com os samaritanos. A atitude de Jesus não somente marca a ruptura de algumas regras culturais e sua identidade judaica, mas também sua interação sincera com samaritanos. O registro de João 4:27-43 demonstra que Jesus não

somente põe em risco a Sua pureza ritual através do contato com a mulher mas também ao se associar com os menosprezados da sociedade judaica na sua estada em Sicar (Elwell & Beitzel, 1988, p. 1888). “A cultura samaritana, com sua perspectiva religiosa diferente, é aceita e apreciada por Jesus. A cultura provê uma lente pela qual sua mensagem pode ser entendida e apropriada” (Grenham, 2005, p. 92).

Assim, pode-se dizer que as condições universais para a comunicação intercultural continuam válidas. Mudanças recentes nas correntes filosóficas que permeiam o comportamento social de “samaritanos” parecem sugerir que o modelo de Jesus e estudos de comunicação intercultural recentes são ainda mais relevantes hoje. Vale ressaltar, para manter os elementos em perspectiva, que, a relevância e autoridade de tais instrumentos encontram-se, na realidade, no legado ancestral de Jesus.

REFERÊNCIAS

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Trad. Maria Lucia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- DODD, Charles. **Dynamics of intercultural communication**. Boston: McGraw-Hill, 1988.
- ELMER, Duane. **Cross-Cultural Connections: stepping out and fitting in around the world**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002.
- ELWELL, W. A. e B. J. BEITZEL. **Baker encyclopedia of the Bible**. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988.
- GRENHAM, T. G. **The unknown God: religious and theological interculturalization**. New York: Peter Lang, 2005.
- GUDYKUNST, W. B. **Bridging differences: effective intergroup communication**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.
- GUDYKUNST, W. B. e B. MODY. 2002. **Handbook of international and intercultural communication**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- HESSELGRAVE, D. J. **Communicating Christ cross-culturally: an introduction to missionary communication**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1991.
- JANDT, F. E. **Intercultural communication: a global reader**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004.
- KÖSTENBERGER, A. J. **John**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2004.
- OKURE, T. **The Johannine approach to mission: a contextual study of John 4:1-42**. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1988.
- RECINOS, H. J. **Good news from the barrio: prophetic witness for the church**. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2006.
- TOWNSLEY, Jeremy. **Modern and postmodern foundations for theology**, 2002.
http://www.jeramy.org/papers/postmodern_theology.html (accessed June 26, 2011).